



DIÁRIO DE NOTÍCIAS	3 Agosto	DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

# O que quer a direita portuguesa?

Raul Régo

Diante do novo bloco conservador-monárquico e das reacções primárias, falhas até da mais elementar correcção, da direita portuguesa com expressão clara em determinados órgãos da comunicação social, tanto a indicação do nome de Maria de Lurdes Pintasilgo como a formação do seu governo, onde, como no de Melo Pinto, não há um só resíduo ao totalitarismo português, a pergunta que naturalmente nos ocorre é esta: o que quer a direita portuguesa? E a resposta, não tenhamos dúvidas, tem de ser que só o regresso ao passado os satisfaz, que eles continuam na lógica do miguelismo, do sidonismo, do salazarismo, de quanto seja regime de força, de violência, de dominação de uma classe sobre todos os homens.

As grosserias dirigidas a Maria de Lurdes Pintasilgo roçam às vezes, neste ou naquele órgão direitista, pela linguagem da «Besta Esfolada» e, mais do que atingir o objectivo, mostram-nos a formação e a dignidade de quem neles trabalha ou os dirige, mostram-nos os adversários da democracia portuguesa, da via para o socialismo democrático. Não será assim? Vejamos. Os meios reacccionários portugueses só compreendem a linguagem de arrieiros porque só com a violência sabem tratar e também não respeitam senão a violência. Há quatro anos, quando o perigo da subversão ameaçava esmagar não só a direita portuguesa, mas a mesma democracia, fizeram-se democratas e esganicavam-se a pés juntos falando das liberdades cívicas, dos direitos do homem, do socialismo democrático. Mostraram-se dispostos a ir para a primeira fila das trincheiras democráticas. O povo resistiu, soube ser ele mesmo e eis que temos agora os mesmos que há quatro anos lutavam pela democracia a quererem esganá-la, atirando o País para o abismo ultramontano em que viveu meio século.

Irá alguma ponta de exagero nas palavras que aí ficam? De

modo nenhum. Não precisamos sequer de ir rebuscar jornais e livros com testemunhos e confissões de democracia socialista em quantos hoje atiram a católica graalista Maria de Lurdes Pintasilgo para os braços do marxismo-ateu, do terceiromundismo, e não sei que mais. Basta-nos fazer uma ligeira reflexão sobre inversões de linguagem oficial e de atitudes que eram ontem o que não são hoje. Mudar, contradizem hoje as atitudes de ontem. O chamado bloco conservador-monárquico (onde nos parece que os mais progressistas serão ainda alguns monárquicos do Gonçalo Ribeiro Teles) participou da discussão e votação da Constituição que hoje insultam e que querem á viva força destruir. A grande birra deles contra o Presidente da República está no facto de este lhes não ter feito a vontade, destruindo toda a estrutura constitucional portuguesa e elaborando, não sabemos como, já que com o voto popular não poderia ser, um instrumento morto, aquela espécie de cepo que era a Constituição de 1933, que permitisse á direita governar discrecionariamente. Quem assistiu ou acompanhou a actividade da Assembleia Constituinte sabe como foram difíceis os seus trabalhos. Até ao sequestro fomos; e entre os sequestrados, homens cujas palavras chispavam estão progressismo, ansia de liberdade e convivência ou fraternidade entre todos, estavam muitos dos que nem querem ouvir agora falar de Constituição e a acham marxista e ateia. Tão marxista e tão ateia como a Maria de Lurdes Pintasilgo!

A Constituição de 76 é progressista, advoga a via para o socialismo, a fraternidade entre os homens. Em todos esses aspectos ela é simplesmente cristã, como o é quando garante o direito á greve e a proibição do *lock-out*, o direito de expressão e a uma segurança social, a uma saúde e vida condignas. Ataca-se a Constituição como a origem de todos os nossos males, essa Constituição que foi elaborada entre dificuldades,

sob uma ameaça totalitária. Mas resistiu-se e valeu a pena. Quem votou essa Constituição? Os homens que hoje a atacam. Ela não foi apenas obra dos socialistas. Até o art.º 2.º em que se encontra a fórmula tão conspurcada agora (e que aliás o sr. Presidente da República que muito a invocava agora parece fazer silêncio sobre ela) pela qual se fixa como objectivo: «assegurar a transição para o socialismo, mediante a criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras». Será isto marxismo? Para aqueles para quem tudo o que cheire a igualdade entre os homens, igualdade de possibilidades de trabalho também, é marxismo, talvez o seja. Mas a conclusão lógica a tirar é que tanto esses católicos, como até alguns prelados muito eminentes e hoje recuperados da fala e da coragem, nem sabem o que é o marxismo, pior ainda, não sabem o que é o cristianismo. Porque isso que aí está é simplesmente o ideal cristão da fraternidade, da não exploração do homem pelo seu irmão. A confusão entre política e religião nem sempre parte dos políticos.

Voltemos à nossa Constituição marxista contra a qual tanto se esforçam todas as catapultas da reacção. O artigo dois da Constituição, lei fundamental da sociedade portuguesa não foi votado pelos comunistas, que se abstiveram. Nem foi votado pelo CDS que continua a ser lógico nesse ponto; mas foi votado pelos socialistas e pelos populares democráticos do dr. Sá Carneiro! Aqui entramos num fenómeno bem curioso de um partido que se chamava de Popular Democrático e não tinha medo de definir uma nação em via para o socialismo e de dar o poder às classes trabalhadoras (a quem o havemos de dar, aos calaceiros, aos sugadores do trabalho alheio?) e depois de tomar um nome mais progressista, titulando-se de Social-Democrata, passa a ter medo do socialismo e re-

(Continua na 6.ª página)

# P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	3 Agosto	DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

## O que quer a direita portuguesa?

(Continuado da 3.ª página)

flui sobre si mesmo, sobre um passado de imobilismo.

Diante dos ataques vesgos à Constituição, diante da confusão mental que domina tradicionalmente as direitas portuguesas em que a tradição do arrocho está longe de se ter apagado, compreende-se a balburdia que vai no terreiro nacional só porque o Presidente da Republica não encarnou totalmente as ansias de retrocesso aos tempos do sr. D. Miguel, ou pelo menos aos de um sidonismo discrecionário. Nós vamos deslizando claramente para o militarismo cego, como o temos acentuado já mais de uma vez; mas o que a direita portuguesa quer é acima de tudo a vingança da

derrota de 25 de Abril. Nem interessam os governos ou governantes, sejam eles católicos ou ateus; interessa sim a sede de vingança, como se os homens estivessem fartos de ser livres e muitos jornalistas tivessem saudades do tempo em que tudo lhes era pautado quanto haviam de dizer. Nem sequer sentem a indignidade de não poderem exprimir livremente suas opiniões.

A onda que envolveu Maria de Lurdes Pintasilgo, as confusões que se estabeleceram e contradições que vieram à superfície, fazem parte de toda a confusão mental e política de uma sociedade em transição, que se não habituou ainda nem a equacionar os problemas, nem a respeitar as opiniões alheias, nem sequer

a exprimir as suas com sinceridade e ombridade. Mas que essa confusão atinja os próprios meios dirigentes e os faça contradizer hoje o que diziam ser suas aspirações ainda há três ou quatro anos, é que é mais grave. Instabilidade inteira se nos mostra no ódio que ressuma contra a Constituição enaltecida como uma conquista e aplaudida quase por unanimidade de direitas e esquerdas há pouco mais de três anos. Mas será esse ódio consciente? A nós parece-nos antes um produto de ambições desmedidas, de querer o poder a toda a força, com a Constituição ou sem ela, mas um retrocesso ao crê ou morres, ao tradicional divisionismo português que foi o da Inquisição, o da policia

política ou da Censura. Seremos um povo menor que precisa sempre de ser tutelado? Como dizia Herculano, há quasi século e meio, somos um povo que se regenera. Regeneramo-nos sobretudo aos trambalhões. Dificil é não podermos aprender a andar sem quedas nem podermos aprender a pensar sem erros sem fim. Ninguém nasce ensinado e só com o exercício das pernas, do cérebro, do convívio, podemos aprender a andar direito, a pensar certo e a sentir as conveniências da solidariedade humana.

A caminho da regeneração vamos, mas com muitas ceagueiras e recriminações, tanto assim que atribuímos ao nosso mesmo sistema democrático crises sem fim que afligem os

outros povos tanto como o nosso e alguns com séculos de prática democrática. A culpa era há um século dos Cabrais; era há sessenta anos do Afonso Costa. E agora do socialismo e da democracia, nunca foi do Salazar. Só não nos dizem de quem era a culpa dos tempos imensos em que vegetamos, sem falar uns com os outros, e aguentando as crises mais temerosas e sujeitando-nos a bichas de centenas de metros porque então era a escassez de gasolina, de peixe, da carne, do bacalhau e do arroz. Mas não se podiam exhibir essas bichas nem desabafar contra a crise. E' a esse abafarete que a direita portuguesa quer voltar?